

# **“Homem Tem Que Ter Pegada”: Percepção Masculina sobre o Comportamento de Flerte de Homens<sup>1</sup>**

Gabriel de Bortoli<sup>2</sup>

Adriano Schlösser<sup>3</sup>

Samuel Santos Miguel<sup>4</sup>

## **Resumo**

*No contexto amoroso, o flerte é entendido como um ato para mostrar interesse em situações casuais, utilizando-se de recursos comunicativos para iniciar um contato de natureza afetivo-sexual. O objetivo deste estudo foi identificar a percepção masculina sobre o comportamento de flerte masculino. Participaram 12 jovens, com idade entre 18 e 25 anos, por meio de uma entrevista em profundidade e posteriormente o conteúdo foi submetido à técnica de análise temático-categorial. Os dados deram origem a três categorias temáticas: estratégias de flerte, aprendizagem e locais, levando em consideração os temas abordados nas entrevistas. Os resultados indicaram estratégias diversificadas para o flerte, identificadas como não invasivas, como conversar e senso de humor, e invasivas, como agarrar ou tocar sem consentimento. Observou-se que tais comportamentos variam de acordo com os contextos em que os participantes estão inseridos e as aprendizagens adquiridas por meio de experiências individuais, percepção de funcionalidade da mídia e influência de pares. Os dados indicam que os homens ainda apresentam dificuldade em compreender formas adequadas de iniciar um contato de natureza afetivo-sexual, levando por vezes a práticas de assédio.*

**Palavras-chave:** atração interpessoal, relacionamentos amorosos, afinidade.

**“Man Must Have a Conquering Attitude”: Male Perception of Men's Flirtatious Behavior**

## **Abstract**

*In the love context, flirting is understood as an act to show interest in casual situations, using communicative resources to initiate an affective-sexual contact. The aim of this study was to identify male perceptions of male flirting behavior. Twelve young people, aged between 18 and 25 years, participated in an in-depth interview and subsequently the content was subjected to thematic-categorical analysis technique. The data gave rise to three thematic categories: flirting strategies, learning and places, considering the themes covered in the interviews. The results indicated diverse strategies for flirting, identified as non-invasive, such as talking and a sense of humor, and invasive, such as grabbing*

<sup>1</sup> Estudo realizado com apoio financeiro do Programa Uniedu, com bolsa de pesquisa pelo Artigo 170.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) campus Videira/SC, Brasil. E-mail: gabriellebortoli041@gmail.com

<sup>3</sup> Coordenador do Curso de Psicologia da Unoesc campus Videira. Doutor em Psicologia pela UFSC e Pós Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UDESC. Email: adriano.psicologia@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Psicólogo, graduado em Psicologia pela Unoesc Campus Videira e pós-graduando em terapia cognitivo-comportamental pela Artmed/PUC-PR. E-mail: miguel.s95@outlook.com

*or touching without consent. It was observed that such behaviors vary according to the contexts in which the participants are inserted and the learning acquired through individual experiences, perception of media functionality and peer influence. The data indicate that men still have difficulty in understanding adequate ways to initiate an affective-sexual contact, sometimes leading to harassment practices.*

**Keywords:** *interpersonal attraction, loving relationships, affinity.*

Os relacionamentos amorosos e seus desdobramentos fazem parte das relações interpessoais, havendo assim a necessidade de compreender os valores e crenças em relação ao comportamento que os homens e as mulheres apresentam no momento do flerte (Fernandes & Primo, 2020). Culturalmente, os modelos de relacionamentos passaram por transformações derivadas de questões sociais e históricas, e atualmente algumas relações são caracterizadas pelo imediatismo, menor duração, superficialidade e individualidade, com primazia na busca pela satisfação dos desejos e na vivência de relações momentâneas de forma impulsiva (Smeha & Oliveira, 2013).

Dentre as modalidades de relacionamentos amorosos contemporâneos, para além do namoro, noivado e casamento, outras modalidades antecedem estas práticas, caracterizadas pela efemeridade e busca de satisfação imediata, como o “ficar” e o “pegar”, termos que se popularizaram na linguagem cotidiana, denotando uma série de comportamentos característicos dentro de contextos afetivo-sexuais (Meirelles, 2011). Enquanto o namoro é entendido com uma forma duradoura de relação, possuindo compromisso e uma ligação afetiva constante, o qual segue regras e objetivava o noivado e o casamento (Fonseca & Duarte, 2004), o “ficar” se apresenta como uma fonte de prazer sem a necessidade de compromisso amoroso, caracterizando-se pela falta de compromisso e ausência de obrigatoriedade da continuidade da relação, voltando-se apenas para a satisfação e prazer (Meirelles, 2011). Por sua vez, o pegar seria um sinônimo contemporâneo ainda mais efêmero que o ficar não requerendo compromisso ou fidelidade, sendo composto desde beijos até o ato sexual e podendo haver a troca de parceiros a qualquer momento (Messeder, 2002).

Não obstante, para o início de qualquer experiência afetivo-sexual no campo da atração interpessoal, faz-se necessário entender as práticas que antecedem a conjunção entre esta diáde (seja através de abraços, beijos ou o ato sexual), adentrando, assim, no campo do comportamento de flerte. Considerando as formas de relacionamentos atuais, entende-se que tanto homens quanto mulheres esperam determinados comportamentos específicos no momento do flerte. Entretanto, a falta de compreensão do que é entendido como adequado e respeitoso pode gerar situações insatisfatórias para os envolvidos, podendo gerar inclusive comportamentos inassertivos e, por vezes, configurar-se como assédio frente a situações de flerte.

Operacionalmente, o comportamento de flerte é uma modalidade de ações comunicativas, composto por elementos linguísticos e paralinguísticos no processo de atração interpessoal, utilizado para verificar possíveis parceiros e/ou para avaliar o quanto se é atraente para outras pessoas, sendo essencial na interação humana (Fernandes & Primo, 2020; Wade & Slemp, 2015). Enquanto recursos paralinguísticos caracterizam-se por ser de natureza ocasional, envolvendo comportamentos insinuativos, provocativos e ambíguos, podem resultar imprecisões diante do que se é expresso (Miller, 2003; Mortensen, 2017). As mulheres tendem a usar indicadores do seu interesse, como olhares e

movimentos com o corpo, com o intuito de provocar o comportamento de cortejo dos homens, enquanto homens buscam manifestar seu *status*, saúde, força e inteligência de forma não intimidadora (Wade & Slemp, 2015).

Para Kray e Locke (2008) o flerte é entendido como um ato para mostrar interesse em situações casuais, mas utilizando de um comportamento “amoroso”. Os primeiros sinais de flerte tendem a ser emitidos pelas mulheres, principalmente os não-verbais, e os homens realizam a etapa de aproximação (Weber, 1998). Contudo, há questionamentos de quem deve iniciar um flerte, pois os papéis de gênero ainda prevalecem socialmente e as pessoas esperam do outro algum indicativo de uma possível aproximação.

É a partir dos sinais que o flerte inicia, passando por seis etapas, a saber: fase da atenção, quando buscam chamar a atenção sobre si; fase do reconhecimento, na qual os sinais são percebidos e os olhares se encontram; fase da interação ou conversa de sedução, ocorrendo após a aproximação por meio de uma conversa sedutora; fase do contato físico, quando há contatos sutis e gestos de aproximação; fase da sincronia corporal/excitação sexual, em que o casal apresenta uma sincronia corporal relacionada com o desejo sexual; e, por fim, a fase de resolução sexual, biologicamente o objetivo final é o contato sexual, por isso ocorre o cortejo (Weber, 1998).

Com efeito, o comportamento de flerte se apresenta como manifestação de condutas próprias em dadas culturas, alterando-se de acordo com contexto, normas, crenças e valores socialmente partilhados. O presente estudo objetiva analisar este fenômeno psicossocial a partir da percepção masculina frente ao comportamento de flerte de seu próprio gênero, mormente identificar valores, crenças e atitudes adjacentes que guiam as ações do público-alvo.

## **Método**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva e corte transversal. Participaram deste estudo 12 indivíduos do sexo masculino, com média de idade de 19,6 (DP = 1,5). Os critérios de seleção de participantes foram: 1) ter idade entre 18 e 25 anos, 2) estado civil solteiro e 3) heterossexual. O critério de seleção por faixa etária ocorreu devido ao pressuposto de que, de acordo com faixas etárias distintas, os atributos valorativos também podem alterar. O critério de estado civil foi selecionado devido a possibilidade de estes estarem em maior contato com o fenômeno a ser investigado. Por isso, o critério de orientação sexual foi escolhido devido à ênfase da pesquisa frente ao comportamento de flerte envolvendo o sexo masculino. Por sua vez, o critério de orientação sexual foi definido mediante eventuais diferenças que poderão ser manifestas entre os grupos, considerando estudos comparativos anteriores de homossexuais e heterossexuais que manifestaram diferenças, tais como na seleção de parceiros (Gomes, 2011; Henriques, Leão, & Tsutsumi, 2013), modelos de investimento afetivo (Rodrigues, Lopes, & Oliveira, 2011) e satisfação conjugal e intimidade (Brito, 2020), por exemplo. Neste sentido, levando em consideração a natureza exploratória de abordagem qualitativa desta pesquisa, optou-se pela ênfase em apenas um dos grupos.

### **Procedimentos de coleta de dados**

Os participantes foram contatados por meio de ligações telefônicas, redes sociais, e-mail e/ou contato pessoal. Adicionalmente, foi utilizada a técnica de *snowball* para se ter acesso a novos participantes por meio da indicação das pessoas entrevistadas. As entrevistas foram previamente agendadas, sendo realizadas em locais que favorecem o deslocamento dos participantes, além de considerar o sigilo e confidencialidade das informações. Para coleta de dados, foi utilizada o modelo de entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro de questões elaboradas previamente, voltadas à identificar as percepções dos participantes frente às estratégias de flerte que utilizavam, sob quais contextos o aprendizado destas condutas ocorriam, e em quais locais eram executados. Foram realizadas previamente três entrevistas piloto, visando aprimorar o roteiro e as técnicas de condutas com o participante. Na sequência, foram realizadas doze entrevistas, sendo utilizado critério de saturação de dados para encerramento das entrevistas.

### **Análise de Dados e Considerações Éticas**

As entrevistas foram gravadas e transcritas, e na sequência foi realizada a análise da frequência das unidades de registro, indicando assim o nível de significância das informações para a realização da análise temático categorial. A técnica de análise temático-categorial permite a leitura e interpretação de conteúdos, a partir do desmembramento do texto e reagrupamento em categorias, possibilitando a leitura e interpretação das informações, bem como a apreensão dos fenômenos sociais, culturais e significações apresentadas pelos entrevistados (Bardin, 2011). A pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética, segundo norma 210/2016 do Conselho Nacional de Saúde e aprovada pelo número 11281119.2.0000.5367.

### **Resultados e Discussão**

A partir da análise temático-categorial, obteve-se três grandes categorias temáticas do conteúdo das entrevistas, indicadas a seguir: estratégias de flerte, aprendizagem e locais. A Tabela 1 apresenta as categorias estabelecidas a posteriori, com suas respectivas unidades temáticas de registro e frequência de citações entre os participantes.

**Tabela 1.**

Analise temático-categorial das unidades de registro frente ao tema “comportamento de flerte”

<b>Categoria</b>	<b>Unidades de Registro</b>	<b>Frequência</b>
Estratégias de Flerte	Conversar	23
	Aproximar-se primeiro	15
	Agarrar	12
	Comportamentos inadequados	12
	Ter pegada	12
	Beleza física	11
	Cuidados com a aparência	11
	Ajuda dos amigos	09

	Bebida alcoólica	06
	Senso de humor	05
Aprendizagem	Amigos	11
	Experiência	09
	Novelas/Séries/Filmes	05
	Com amigas	05
Locais	Festa	26
	Redes Sociais	15
	Ambiente de Trabalho	11
	Escola/Faculdade	11

A categoria 1, intitulada “Estratégias de flerte” engloba os comportamentos que os participantes relataram realizar em contextos de conquista, ou que tenham observado de terceiros. Nesta unidade, observou-se uma gama de comportamentos variados quanto às estratégias de conquista, assim como avaliações sobre o que observam que favorece o processo de ficar com uma parceira. Tendências a comportamentos específicos tendem a ser selecionados no contexto de flerte devido a sua percepção de eficiência, sendo selecionados visando obtenção de maiores chances de sucesso.

A unidade de registro “conversar” foi a mais citada. Segundo relatos, conversar é uma forma de desenvolver intimidade, conhecer e se fazer conhecer pela mulher: “*Acho que o principal é a pessoa chegar na humildade e conversar, pedir o nome quando não conhece, ir conversando coisas pessoais, tipo de onde ela é, o que ela faz da vida, e pedir, claro, se ela não tem namorado pra não se complicar depois.*” (P1); “*A maneira mais correta de flertar é conhecer a pessoa conversando, conhecendo o que gosta o que não gosta, os hobbies, o que gosta de comer, nessa linha que você consegue até mais fácil pra você chamar pra sair. Ela fala que gosta de pizza e você vai convidar pra comer uma pizza.*” (P8). A conversa como estratégia de flerte pode estar sendo utilizado como recurso para a construção de um vínculo íntimo com a parceira em potencial.

O conceito de intimidade já vem sendo abordado nos estudos sobre atração interpessoal, correspondendo a um conjunto de sentimentos e comportamentos dentro de contextos afetivos, visando a promoção de vínculo (Hernandez & Oliveira, 2003). Critelli et al. (1986) também abordam o conceito de intimidade comunicativa e compatibilidade romântica, correspondendo a capacidade de se comunicar com o parceiro e identificar características similares, verificando a existência de pontos em comum para dar sequência na construção do vínculo. O estudo proposto por Hernandez e Oliveira (2003) com amostra brasileira sustenta que a intimidade comunicativa se constitui por um preditor de satisfação no contexto de relacionamentos românticos, tanto para os homens quanto para as mulheres.

A segunda unidade de registro com mais citações foi “aproximar-se primeiro”. Esta unidade traz o comportamento de se aproximar da garota como um passo importante no flerte, demonstrando suas intenções: “*Quando elas falam de atitude eu acho que atitude de dar o primeiro passo pra acontecer algo que elas dizem, que eu, particularmente, se eu não estiver meio alcoolizado eu não consigo.*” (P10); “*No ponto de vista da mulher sobre atitude eu acho que é talvez você chegar e falar. Atitude acredito que seja a partir do momento que você chega pra trocar uma ideia, você chega: Oi, tudo bem?*

*Como é seu nome? Como você está? O que você gosta?*" (P8). Ao que os relatos indicam, a aproximação tem por objetivo manifestar explicitamente as intenções, associando a expressão coloquial "ter atitude", como forma de um comportamento corajoso.

Pode-se inferir neste comportamento uma espécie de adaptação funcional contemporânea de comportamentos de dominância e de investimento na parceira. Estudos anteriores sobre seleção de parceiros sob a perspectiva evolucionista sustentam a valorização de parceiros mais ambiciosos, confiáveis, inteligentes e com capacidade de provimento de recursos e investimento na parceira (Buss & Kenrick, 1998). A busca por proximidade também pode ser identificada correspondendo à busca por interdependência – seja a nível emocional, cognitivo ou comportamental -, objetivando tornar a relação íntima e desejosamente amorosa (Fouto, 2017).

A unidade de registro "agarrar" foi apresentada como um comportamento inadequado pelos participantes, relatando que não o realizam, mas que já observaram este comportamento de terceiros, considerando inadequado: "*Tem gente que mesmo que tenha intimidade, não gosta que fique conversando e botando a mão no ombro, tem gente que não gosta do toque assim e principalmente quando você não conhece a pessoa.*" (P4). Contudo, os participantes argumentaram que, em contextos que consideram específicos, o comportamento de agarrar poderia levar a ficar: "*Para o agarrar dar certo acho que precisa ter uma conversa, porque eu acho que depois que você tem uma conversa com uma pessoa e ela fala alguma coisa que você percebe que ela também está a fim, acho que o agarrar vai funcionar.*" (P12); "*Talvez naqueles carnavais, que a pessoa está empolgada pode ser que talvez funcione, mas tem que ter uma troca de olhar, você só chegar e agarrar não funciona.*" (P7).

Com a mesma frequência da unidade anterior, a unidade "comportamentos inapropriados" foi apresentada como padrões de comportamentos já praticados e/ou observados pelos participantes. De acordo com os relatos, estes o consideram como algo a não ser realizado e que não funciona para atrair parceiras, mas que já realizaram: "*Existem atitudes que acabam com o flerte, inadequadas, nesse sentido inadequadas que tu comentaste sim, agarrar, forçar contato físico, esses tipos de coisas são bem inadequados na hora do flerte.*" (P5); "*Olha, já fiz e já vi de meus amigos também fazer no momento da festa talvez ali, passar a mão numa mulher sem nem ter conversado, sem nem ter feito nada ali, por mais que algumas das vezes elas podem ter gostado ou não.*" (P1). Frente aos dados acima, do ponto de vista biológico, o comportamento impulsivo masculino possui forte associação atrelado ao uso de álcool, influenciando em respostas sociais mal adaptativas e no controle inibitório, como seriam casos de comportamento de flerte de formas agressivas e que pode estar relacionado ao contexto festivo (Pompili et al., 2009; Scheffer & Almeida, 2010).

Do ponto de vista social, o agarrar por vezes associa-se ao conceito mal definido sobre "ter pegada", enquanto uma forma de firmeza e confiança do homem sobre a mulher, levando a um incentivo ao contato físico de maneira mais agressiva, o que na realidade se constitui como assédio de natureza sexual, dado o não consentimento (Fenner et al., 2015; Pereira & Morais, 2019). É importante ressaltar que, na cultura contemporânea, ainda se costuma creditar a responsabilidade à mulher diante do assédio masculino, desmerecendo a mulher e responsabilizando-a sobre recusar ou não o assédio (Tiburi, 2018).

A unidade de registro “ter pegada” também se manifestou nas entrevistas. Este conceito foi compreendido como sendo um conjunto de comportamentos que levem a garota a ter excitação sexual pelo parceiro: “*Quando a guria fala que o cidadão tem pegada, é porque ele geralmente ele beija bem e consegue instigar ela sexualmente, como um bom beijo.*” (P5); “*Pegada pra mim depende bastante na hora, o beijo talvez, pegar a mina mais firme, passar a mão em alguns lugares, dando aquela excitada nela.*” (P1). A “pegada” constitui-se como uma expressão que não possui uma definição clara no senso comum, contudo para Bento (2008) o termo faz referência a uma forma de toque no contexto afetivo-sexual que seja interpretado como sensual, intenso e firme do homem, denotando vigor sexual e que estimule o desejo feminino pelo ato sexual. Vale ressaltar que a forma como o feminino e o masculino são construídos ou valorizados num dado contexto sócio-histórico, passa a definir seus padrões de comportamento (Louro, 2010). Logo, o conjunto de comportamentos esperados sobre “ter pegada” se constitui tanto nas experiências individuais, quanto na percepção subjetiva do que se espera de um comportamento assertivo no campo do flerte. Isto explicaria, por exemplo, a indefinição do termo, bem como a dificuldade dos homens em interpretarem adequadamente o que seria uma forma assertiva de manifestar “pegada”.

A “beleza física” também foi apontada como um elemento importante no comportamento de flerte, considerado como um chamariz natural para a atração física: “*Na questão do aspecto físico também ajuda, eu acho que elas observam esses pontos sim, quando você passa a primeira impressão é a que mais ajuda na verdade.*” (P12); “*Eu acho que influencia bastante, porque como você pode ver você pega um cara ali bonito e ele pega muito mais menina que um cara feio, é bem mais fácil.*” (P3). Nesse mesmo sentido, os “cuidados com a aparência” também despontam como um cuidado que os participantes têm quando estão em contextos de flerte: “*O jeito de uma pessoa se vestir ajuda com certeza na cara o impacto visual é o primeiro de todos.*” (P5); “*A aparência influencia nisso, tipo você tem que se mostrar um pouco mais arrumadinho, tem que estar numa vestimenta pra aquela ocasião, você não vai chegar desarrumado.*” (P2). Neste quesito, estudos voltados à influência da aparência física na atração interpessoal sustentam a atratividade física como um importante significativo na gênese de relacionamentos amorosos, principalmente em relações de curto prazo (Speed & Gangestad, 1997; Regan & Bersheid, 1997). Todavia, divergem quanto a importância que os gêneros dão à aparência física, em que alguns apontam equivalência e outros defendem a valorização masculina superior à feminina (Buss & Barnes, 1986; Schlösser & Camargo 2015a; 2015b).

Os participantes também fazem uma distinção entre uma pessoa genuinamente bonita daquelas que precisam ter cuidados para com a aparência para serem mais atraentes. Estudos sobre o tema aponta tanto características de beleza física inerentes a culturas, levando a percepções semelhantes acerca da beleza em culturas distintas (Langlois et al., 2000), quanto padrões culturais socialmente difundidos por meio da mídia e do convívio social (Schlösser et al., 2015). É importante ressaltar a associação que os participantes fazem acerca da atratividade, sendo que, embora busquem cuidar da aparência, homens que consideram bonitos são percebidos como mais beneficiados no contexto do flerte, indo ao encontro de resultados que apontam dados similares frente a percepção de vantagens da beleza física (Schlösser, 2019).

As unidades “ajuda de amigos” e “bebida alcoólica” também se apresentaram como formas estratégicas para iniciar comportamentos de flerte. Em ambos, o medo e receio de se aproximar de uma desconhecida, associada a possibilidade de uma recusa, são os elementos que levam a estas tipificações de comportamentos: “*Teus amigos podem te ajudar porque você tá cheio de gente perto, teus amigos, a galera tem bastante.*” (P12); “*Se tem alguém que já conhece, facilita chegar na pessoa.*” (P8); “*A bebida ajuda muito, cria coragem, tu fica mais largado, mais tranquilo pra chegar.*” (P9); “*Em uma festa você já bebeu um pouco, já perde mais a vergonha, ela também deve ter bebido um pouco se ela tiver vergonha fica tudo mais fácil.*” (P12). Os amigos possuem um papel importante no processo de socialização e pertencimento grupal, bem como na influência sobre o comportamento individual (Morais & Viana, 2004). Na dinâmica da socialização, a interação vai sendo alicerçada a partir dos grupos de referência, que influenciam em diversos campos do contato, incluindo o contato de relações afetivo-sexuais. Nas entrevistas, fica evidente a influência dos pares tanto no suporte social para o flerte, quanto na incitação a novas experiências.

Em relação ao consumo de bebida alcoólica no contexto de festas, tal prática tende a ser associada à diversão e alegria, bem como na desinibição necessária para a interação social (Silva & Padilha, 2011), facilitando sua inserção em grupos e, no caso deste estudo, em comportamentos de flerte. Estudos acerca de comportamentos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas em festas com estudantes apontam o álcool associado à facilitação de contatos afetivo-sexuais, apresentando associação com troca de beijos e comportamentos sexuais de risco, quando comparados aos que não bebem (Figueiredo et al., 2006; Silva & Padilha, 2011).

A necessidade do álcool utilizado em festas também se associa a crenças de que ele conduzirá a estados emocionais positivos, além de ajudar a tornar contextos sociais mais agradáveis, aliviando estados emocionais e comportamentais considerados negativos para o flerte, como vergonha, timidez, dificuldades em tomadas de decisão e limitações em competências sociais, por exemplo (Rodrigues et al., 2014). Ainda assim é importante ressaltar a relação entre os efeitos do álcool e a violência íntima entre os parceiros, pois esta substância pode potencializar a agressividade, também associada aos comportamentos inadequados citados pelos participantes, como agarrar, forçar contato físico e passar a mão sem consentimento no corpo da mulher (Carpanez et al., 2019).

O “senso de humor” também foi apontado, embora em menor frequência, como uma estratégia dentro do comportamento de flerte, como forma de tornar o contexto menos inibido: “*Hoje, pelo menos, só de ser eu mesmo, tipo extrovertido e ali, tu já conquista.*” (P9); “*Como eu não sabia muita coisa de flertar, me baseei bastante nos meus amigos, tentar ser um pouco engraçado.*” (P2). O senso de humor apresenta-se como um comportamento já identificado em estudos anteriores no campo da atração interpessoal e seleção de parceiros, associado como um dos atributos relevantes na escolha da mulher por um parceiro amoroso (Buss & Barnes, 1986; Schlosser & Camargo 2015a; 2015b).

A categoria 2, intitulada “Aprendizagem”, traz unidades de registro que apresentam as principais fontes de informação sobre estratégias de flerte. Conforme se verificou nas entrevistas, os participantes apresentam diferentes contextos de aprendizagem para o flerte, seja por meio de aprendizagem por observação de terceiros (opiniões de colegas e mídias sociais) quanto da experiência pessoal. Nesse aspecto, a unidade de registro “amigos” foi a mais citada entre os participantes, que apresentam seguir

os conselhos das experiências prévias dos colegas para o comportamento de flerte, ou apenas pela observação dos comportamentos: “*Aprendi a flertar uma mulher conversando com os amigos que já tinham ficado com outras meninas, que já tinham essa experiência.*” (P10); “*Como eu não sabia muita coisa me baseei bastante como via meus amigos fazerem, tentar ser um pouco engraçado, puxar um assunto massa, pra chamar atenção*” (P2).

Assim, como foi apresentada em unidades anteriores, a influência de amigos se manifesta como elemento significativo na construção de comportamentos de flerte. Pereira e Morais (2019) discorre que o pertencimento em grupos masculinos se caracteriza por códigos de conduta que criam sentidos frente à masculinidade, contribuindo para a adesão a mitos e atitudes de gênero estereotipadas. No contexto dos grupos de amigos, estes constroem suas normas, atitudes e comportamentos que devem ser apresentados em diversos contextos, além de pressionarem seus pares para terem comportamentos semelhantes. Assim, o aprendizado de comportamentos de flerte pode se manifestar tanto de forma assertiva quanto de forma inadequada, de acordo com a influência normativa e informativa de tais grupos.

Em contrapartida, na unidade de registro “experiência” alguns participantes atribuíram às experiências pessoais a forma de aprendizagem de comportamentos de flerte, que são mantidos por terem sido, em algum momento, reforçados: “*Foi na prática, eu nunca tive uma influência assim de homem, de chegar e ó você tem que ir em cima dessa e fala tal coisa.*” (P4); “*Eu acho que foi algo que aconteceu naturalmente, algo do dia a dia e adquirir isso com o tempo, uma experiência.*” (P11). Dentre as correntes sobre processos de aprendizagem, a experiência também é postulada enquanto uma forma de aprendizagem que ocorre pelas experiências no cotidiano, e por meio delas as pessoas decidem suas formas de agir (Didier & Lucena, 2008). Ademais, as pessoas tendem a aprender tanto pela execução de atividades, como através do estabelecimento de relacionamentos sociais com determinados sujeitos, em circunstâncias específicas (Lave & Wenger, 1991). Assim, embora alguns relatem não observar a influência de pares, sua aprendizagem possui influência do contexto, seja de grupos ou relacionamentos, quanto de materiais informacionais que acessa em seu dia a dia, tais como a mídia, por exemplo.

O aprendizado de comportamentos de flerte também foi apreendido com pessoas do sexo feminino, manifesto na unidade de registro “com amigas”. De acordo com as entrevistas, o diálogo com as amigas permite o aprendizado de comportamentos que elas referiam como assertivos no contexto da conquista: “*Elas já me falaram do que elas gostam em um cara que seria mais na questão de atitude mesmo, do que o cara chega e fala.*” (P11); “*Na questão de amigas virem me falar o que é certo e errado: ‘Oh, elas gostam de tal coisa’, se você seguir nessa linha você talvez consiga ter mais chance, consiga conquistar.*” (P8). Acerca dos elementos caracterizadores de representações sociais sobre relacionamentos amorosos, Schrösser e Camargo (2015a; 2015b; 2019) identificaram maior ancoragem das mulheres a comportamentos que envolvessem confiança, companheirismo e estabilidade no contexto amoroso, da mesma forma que esperam contribuir para comportamentos de flerte masculino menos invasivos e práticas mais saudáveis que reduzam, por exemplo, o assédio.

Por fim, a unidade de registro “novelas/séries/filmes” apresenta que uma das formas de aprendizado de comportamentos de flerte se dá através da observação de interações similares

presentes nestes veículos de comunicação de massa: “*Aprendi a flertar uma mulher por meio de novelas filmes, meu primeiro contato que tive foi em novelas e filmes séries essas coisas.*” (P3); “[...] *inspirado em muitas coisas, com as pessoas que eu convivia e no que a gente vê basicamente na tv, que o cara chega galanteador e arremata a mulher.*” (P2). A mídia apresenta importante papel na formação e difusão de representações e atitudes frente a objetos sociais variados, influenciando assim nas práticas sociais. No contexto do flerte, a mídia difunde modelos de comportamentos por meio de personagens de filmes e séries, celebridades da mídia e celebridades das redes sociais, apresentando um repertório de comportamentos que, no contexto fictício, são eficientes para conquistar parceiros, influenciando na percepção dos telespectadores quanto à eficiência de tais práticas no contexto real, interferindo em suas subjetividades (Santos Neto & Strassburgue, 2019). Tais obras influenciam diretamente nas percepções e comportamentos dos telespectadores e, embora não tenham compromisso com a realidade, nem sempre esta relação ficção *versus* realidade é clara ao espectador (Hoffman et al., 2017).

Por sua vez, a categoria 3, intitulada “Locais” apresenta os locais onde os participantes realizam comportamentos de flerte ou já observaram ações de terceiros. O local mais citado pelos participantes foi o flerte em contextos de “festa”, considerado como o principal local para tentativas de ficar/pegar alguém: “*O lugar mais propício para o flerte é em festa, tem que ser ‘role’, senão não tem como flertar efetivamente.*” (P5); “*Pra mim onde tem festa/baladinhas é mais fácil, a pessoa que vai pra balada muitas vezes ela pode estar ali procurando as vezes alguém pra ficar.*” (P4). As festas constituem-se como espaços de interação, prazer, relaxamento e divertimento para o público estudantil (Dutra & Menezes, 2017), proporcionando tanto experiências entre amigos quanto experiências no campo do flerte, onde o contato corpo a corpo favorecido pelas aglomerações propiciam a manifestação destes comportamentos. Não obstante, devido ao consumo de substâncias psicoativas em festas, como o álcool, contexto no qual seu uso é socialmente legitimado, isto permite certo grau de desinibição para comportamentos de sedução frente relações ocasionais. Concomitante a isso, devido a capacidade de raciocínio e interpretação de situações relacionais reduzidas, aumenta-se o risco de violência e a desculpabilização de comportamentos transgressores pelo contexto (Pereira & Morais, 2019).

As “redes sociais” foram apontadas como local onde o comportamento de flerte também ocorre. De acordo com os relatos, a ausência de contato físico diminui a ansiedade decorrente de ter que se aproximar da pessoa, facilitando o contato e evitando o mal-estar de receber uma negativa ou ainda se sentir envergonhado perante o grupo, além de permitir entrar em contato com pessoas com pouca interação: “*Eu sempre costumo flertar menina que eu conheço ou que já vi de vista, por foto na real, e eu também prefiro por rede social porque eu sou uma pessoa envergonhada então por rede social eu desenrolo um pouco melhor.*” (P8); “*Eu começava flertando pela rede social pra depois conhecer pessoalmente, eu acho que é um jeito mais fácil.*” (P4). Nesta unidade verifica-se a participação da *internet* facilitando a gênese e desenvolvimento de relações de flerte (Haack & Falcke, 2013). Dentro da *internet*, redes sociais e aplicativos de relacionamentos são espaços capazes de promover novos encontros afetivo-sexuais, acelerando o antigo “cortejo”, caso a comunicação seja capaz de estimular algum tipo de atração (Fernandes & Primo, 2020). Uma informação trazida por um dos participantes foi o de interagir com pessoas desconhecidas, a partir apenas da foto. Em estudo proposto por Fernandes

e Primo (2020) sobre flerte em serviços on-line de paquera, os pesquisadores salientam a aparência física, manifestada pelas fotos, como elemento central para a atração, onde o corpo é o centro da gênese interacional, ao contrário dos encontros presenciais, onde o cheiro, as roupas, a voz e a postura eram elementos essenciais aos fatores atrativos.

O ambiente de trabalho foi apontado como um possível local para comportamentos de flerte, onde a interação constante decorrente da proximidade aumenta a probabilidade de envolvimentos amorosos: *“Eu acho que no ambiente de trabalho o homem chega muito mais, se aproveita da situação do trabalho ou algo que aconteceu e vai falando, e começa assim.”* (P11). É válido ressaltar que os participantes consideraram que, embora os homens tentem flertar com colegas de trabalho, reconhecem que é desconfortável para a mulher: *“Normalmente é meio chato, tenho amigos chegam nas colegas no trabalho, e elas ficam mais desconfortáveis, porque as vezes ela está concentrada fazendo alguma coisa e o cara chega [...]”* (P2). Na perspectiva dos participantes, houve maior associação do flerte no ambiente de trabalho com práticas de assédio, frequentemente identificadas em ambientes de trabalho.

De acordo com MCewn et al. (2021), existem formas de assédio sexual no ambiente laboral, que variam desde a atenção sexual indesejada até a coerção sexual, agressão sexual e abuso sexual. O assédio sexual pode ser entendido como quaisquer modalidades de comportamento sexual indesejado que seja de natureza ofensiva, humilhante ou intimidadora (MCewn et al., 2021). De forma implícita, o discurso dos participantes não parece necessariamente considerar as práticas citadas em seus discursos como assédio, embora em algum grau considerem-nas negativas para com as mulheres. Esta percepção reforça a necessidade de mudanças na compreensão do que se classificam como práticas de assédio em qualquer espaço, uma vez que sua minimização, desconhecimento ou naturalização promovem a continuidade de culturas sexistas e abusivas (Ferreira et al., 2017).

Espaços educacionais, como escola e universidade, também foram retratados como locais onde ocorrem comportamentos de flerte, mas que também foram considerados ambientes como difíceis para ficar. Neste contexto, o que se manifesta é um interesse, mas o flerte em si ocorre em outros espaços, como em redes sociais, por exemplo: *“Na escola eu também flertava as meninas, era mais difícil porque na escola você não pode dar um beijo.”* (P12); *“Geralmente se eu achava, eu nunca chegava, eu achava ela interessante e tudo, conversava por mensagens, e se dava certo a gente ia tentar alguma coisa, se não ia pra outra.”* (P7). De acordo com Pereira e Moraes (2019), ambientes estudantis são espaços que propiciam a construção laços de relações interpessoais, podendo também ser um espaço tanto de flerte quanto de assédio.

Nessa mesma perspectiva, nestes ambientes, a atração interpessoal também se torna possível pelos critérios de proximidade – devido a frequente interação –, e semelhanças de interesses e experiências (Aronson et al., 2018; Schlösser, 2018). Em contrapartida, estudos apontam a questão do assédio dentro de ambientes universitários (Antunes & Machado, 2012; Araújo, 2017; Pereira Neto, 2020) o que, devido ao estereótipo do que socialmente atribui-se ao assédio, por vezes passa desapercebido ou naturalizado, sendo uma vez mais necessária sua problematização dentro de espaços universitários.

De modo geral, a falta de uma compreensão clara dos limites frente a condutas de flerte consideradas assertivas daquelas que adentram no campo do assédio constitui-se motivo de

preocupação. Para tanto, as reflexões sociológicas propostas por Bourdieu (2002) frente a dominação masculina vivenciada e imposta nas relações de gênero constituem-se enquanto artefato teórico que analisa a naturalização de comportamentos que, de forma geral, inferiorizam a mulher, tirando-lhe o direito de tomada de decisão sobre seus desejos. Neste sentido, a construção de valores e modelos comportamentais aonde a representação do feminino é de alguém que deseja uma ação agressiva do homem para instituir a ele sua masculinidade, esconde em seu cerne um modelo de virilidade, superioridade e força (Welzer-Lang; 2004) que em nada representam efetivamente o cuidado, respeito, intimidade e atração, condutas estas esperadas em quaisquer modalidades de relacionamentos afetivo-sexuais satisfatórios.

A partir do exposto, também reflete-se sobre a necessidade de elaboração de modelos educativos no contexto familiar, que possam desconstruir estes modelos de relações sociais assimétricos que, embora por vezes naturalizada, na prática constitui-se enquanto uma violência simbólica (Bourdieu, 2022), que por meio de valores, crenças, atitudes e condutas, vão apropriando-se de vítimas e perpetradores de formas sutis, a partir de vias simbólicas decorrentes de valores e comportamentos esperados de homens e mulheres. Tais reflexões, na prática clínica, devem ser exploradas tanto em contextos conjugais, familiares e individuais, permitindo ressignificar atribuições que, na prática, podem ser de natureza assediadora e violenta, sob as mais variadas facetas de suas manifestações.

### **Considerações Finais**

Enquanto tipo de contato de natureza afetivo-sexual, permeado por comportamentos específicos, valores e normas socialmente estabelecidas, o flerte ocupa um papel central no contexto da paquera, principalmente na gênese de relações amorosas. Os resultados deste estudo apresentaram uma série de práticas de flerte consideradas como não invasivas (como conversar, aproximar-se e senso de humor), buscando vinculação e familiaridade, bem como práticas associadas ao assédio (agarrar, passar a mão, segurar sem consentimento, dentre outras). Tais comportamentos, de acordo com os resultados, variam de acordo com os ambientes onde os participantes estão, e foram apreendidos em contextos diversificados, desde conversas com amigos e amigas, quanto de experiências individuais e da mídia.

Através dos resultados, pode-se observar a carência de informações claras frente a práticas consideradas adequadas de flerte para com mulheres, podendo desencadear em contextos de assédio sexual, devido à falta de clareza sobre suas especificidades, além de substâncias e contextos que potencializam o risco, como o uso de álcool para diminuir a vergonha, por exemplo. Nesta maneira, entender o flerte na perspectiva masculina alerta sobre a necessidade de refletir o tema no contexto juvenil, que estão vivenciando suas primeiras experiências sociais e emocionais de autonomia e consolidação da identidade, aprimorando suas capacidades de tomadas de decisão, o que pode influenciar significativamente em seus comportamentos no contexto amoroso.

Ademais, pesquisas futuras com outros grupos e faixas etárias distintas, juntamente com metodologias de pesquisa diversificadas, poderão favorecer dados adicionais deste fenômeno ainda em problematização, potencializando os resultados encontrados neste estudo. Ressalta-se a carência

de estudos nacionais no campo da atração interpessoal e de contextos específicos de atração – tal como o flerte – sendo necessário mais trabalhados com amostras brasileiras para contribuir com a realidade científica e, principalmente, vivencial.

## Referências

- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1), 93-107. <https://doi.org/10.14417/ap.535>
- Araújo, C. P. (2017). *A violência sexual nos estudantes universitários portugueses* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. ISPA. <https://core.ac.uk/download/pdf/143422696.pdf>
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2018). Atração interpessoal. In E. Aronson, T. D. Wilson, & R. M. Akert (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 204-227). LTC.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bento, K. R. (2008). "A pegada": Interações (e tensões) raciais,性uais e de gênero nas baladas de São Paulo. In *Acta Academica, IX Congreso Argentino de Antropología Social* (pp. 1-16), Misiones, Posadas. <https://cdsa.aacademica.org/000-080/499.pdf>
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. 2. ed. Bertrand Brasil.
- Brito, R. F. A. (2020). Papeis de gênero, satisfação conjugal e intimidade nas relações homossexuais e heterossexuais. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal. 55p.
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559-570. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.559>
- Buss, D. M., & Kenrick, D. T. (1998). Evolutionary social psychology. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Orgs.), *The handbook of social psychology* (pp. 982-1026). Oxford University Press.
- Carpanez, T. G., Lourenço, L. M., & Bhona, F. M. C. (2019). Violência entre parceiros íntimos e uso de álcool: Estudo qualitativo com mulheres da cidade de Juiz de Fora-MG. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 1-18. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200012&lng=pt&nrm=iso).
- Critelli, J. W., Myers, E. J., & Loos, V. E. (1986). The components of love: Romantic attraction and sex role orientation. *Journal of Personality*, 54(2), 355-370. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1986.tb00399.x>
- Didier, J. M. O. L., & Lucena, E. A. (2008). Aprendizagem de praticantes da estratégia: Contribuições da aprendizagem situada e da aprendizagem pela experiência. *Organizações e Sociedade*, 15(44), 129-148. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302008000100007>
- Dutra, R. G., & Menezes, M. L. P. (2017). O lazer dos estudantes universitários: O caso das festas universitárias. *Revista Presença Geográfica*, 6(1), 64-72. <https://doi.org/10.36026/rpgeo.v4i1.2624>
- Fenner, Priscila D., Oliveira, Ariadna D., Gomes, Daniela L., & Pieniz, M. (2015). *Pesquisa de opinião sobre assédio sexual aplicada em mulheres e homens de Porto Alegre*. INTERCOM.

- Fernandes, R., & Primo, A. (2020). O flerte em serviços online de paquera. *Revista interamericana de comunicação midiática*, 19(41), 270-292. <https://doi.org/10.5902/2175497748084>
- Ferreira, M. S., Miranda, S. O., Sena, V. M., Santos, Z. S., & Souza, L. M. (2017). A mulher no mercado de trabalho e o assédio sexual. *Revista Acadêmica Integra/Ação*, 1(1), 190-199. <http://www.fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/537>
- Figueiredo, R., Britton, M. Mc, & Cunha, Tânia (2006). Juventude e vulnerabilidade sexual em situações de lazer-festa. *Boletim do Instituto de Saúde*, 40, 1-5. [http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/reginamf\\_juventudevulnerabilidade.pdf](http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/reginamf_juventudevulnerabilidade.pdf)
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2004). Do namoro ao casamento: Significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>
- Fouto, C. I. S. (2017). Relação entre qualidade na relação amorosa: muito, pouco ou nada? [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Departamento de Psicologia]. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/22644>
- Gomes, A. I. A. S. de B. (2011). A escolha de parceiro (a) ideal por hetero e homossexuais: Uma leitura a partir dos valores e traços de personalidade. 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6880>
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia em Revista*, 19(2), 305-327. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682013000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000200011)
- Henriques, A. L., Leão, K. N., & Tsutsumi, M. M. A. (2013). Estudo comparativo das preferências por idade, altura e peso de homossexuais e heterossexuais, na seleção de parceiros. *Boletim Acadêmico Paulista de Psicologia*, 33 (84), 64-78. <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632386007.pdf>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- Hoffman, B. L., Shensa, A., Wessel, C., Hoffman, R., & Primack, B. A. (2017). Exposure to fictional medical television and health: A systematic review. *Health Education Research*, 32(2), 107-123. <https://doi.org/10.1093/her/cyx034>
- Kray, L. J., & Locke, C. C. (2008). To flirt or not to flirt? Sexual power at the bargaining table. *Negotiation Journal*, 24(4), 483-493. <https://doi.org/10.1111/j.1571-9979.2008.00199.x>
- Langlois, J. H., Kalakanis, L., Rubenstein, A. J., Larson, A., Hallam, M., & Smoot, M. (2000). Maxims or myth of beauty? A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, 126, 390-423. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.3.390>
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge University Press.
- Louro, G. L. (2010). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Ed. Autêntica.
- MCewn, C., Pullen, A., & Rhodes, C. (2021). Assédio sexual no trabalho: Um problema de liderança. *Revista de administração de empresas*, 61(2), 1-7. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/83700>

- Meirelles, T. (2011). "Pegar, ficar, namorar": Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. IBICT [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS\\_408df27d285dac251e4f0dbc43df97b8](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_408df27d285dac251e4f0dbc43df97b8)
- Messeder, S. A. (2002). Namorei não, peguei: O pegar como uma forma de relacionamento amoroso sexual entre os jovens. In *XIII Encontro da Associação Brasileira de estudos populacionais* (pp. 1-25). UNEB. <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1265/1229>
- Miller, D. (2003). To seduce or to flirt, that is the question. *Sage Journals: Time & Society*, 12(2/3), 281–291. <https://doi.org/10.1177/0961463X030122007>
- Morais, M., & Viana, M. (2004). O consumo de álcool nos adolescentes, dinâmicas de intervenção em saúde. *Nursing*, 186, 29-32.
- Mortensen, K. K. (2017). Flirting in online dating: Giving empirical grounds to flirtatious implicitness. *Sage Journals: Discourse Studies*, 19(5) 581–597. <https://doi.org/10.1177/1461445617715179>
- Pereira, J. M., & Morais, C. (2019). Motivações, comportamentos e consequências das festas acadêmicas nos estudantes cabo-verdianos. In *I Congresso Internacional e III Seminário Nacional de Inteligência Emocional: Educação, Inclusão e Desenvolvimento* (pp. 160-172). IPB. [https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/22563/1/1DTC\\_2ei2\\_PC\\_Atas\\_2019\\_SIIE-MicCM-Brg%c3%a7.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/22563/1/1DTC_2ei2_PC_Atas_2019_SIIE-MicCM-Brg%c3%a7.pdf)
- Pereira Neto, D. S. (2020). *Afinal o que é assédio sexual? As representações dos/das estudantes da Universidade de Coimbra relativamente ao assédio sexual* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra]. SIBUC. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/94650>
- Pompili, M., Innamorati, M., Lester, D., Akiskal, H. S., Rihmer, Z., del Casale, A., Amore, M., Girardi, P., & Tatarelli, R. (2009). Substance abuse, temperament and suicide risk evidence from a case control study. *Journal of Addictive Diseases*, 28(1) 13-20. <https://doi.org/10.1080/10550880802544757>
- Regan, P. C., & Berscheid, E. (1997). Gender differences in characteristics desired in a potential sexual and marriage partner. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 9, 25-37. [https://doi.org/10.1300/J056v09n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J056v09n01_02)
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, J. M. (2011). O modelo de investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind\_Português*, 2(1-2), 1-11. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/14250/1/O%20modelo%20do%20investimento%20de%20Rusbult%20em%20relacionamentos%20amorosos.pdf>
- Rodrigues, P. F. S., Salvador, A. C. F., Lourenço, I. C., & Santos, L. R. (2014). Padrões de consumo de álcool em estudantes da Universidade de Aveiro: Relação com comportamento de risco e stress. *Análise psicológica*, 32(4), 453-466. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/789/pdf>
- Santos Neto, V. S. dos, & Strassburge, D. (2019). A influência das obras audiovisuais seriadas na percepção dos sujeitos: Um estudo sobre o poder de persuasão das séries médicas. In *42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (1-16). INTERCOM. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0840-1.pdf>
- Schlösser, A. (2018). *Beleza física e atração interpessoal: Representações e práticas sociais*. Novas Edições Acadêmicas.

- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2015a). Representações sociais da beleza física para modelos fotográficos e não modelos. *Psico*, 46(2), 278-286. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.2.17725>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2015b). Aspectos não explícitos das representações sociais da beleza física em relacionamentos amorosos. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 89-107, 2015. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2019). Elementos caracterizadores de representações sociais sobre relacionamentos amorosos. *Pensando Famílias*, 23(2), 105-118. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200009&lng=pt&tlng=pt)
- Schlösser, A., Camargo, B. V., & Teixeira, K. C. (2015). Representações sociais da beleza física e relacionamentos amorosos. *Interpersona*, 9(1), 1-18. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v9i1.156>
- Scheffer, M., & Almeida, R. M. M. de (2010). Consumo de álcool e diferenças entre homens e mulheres: Comportamento impulsivo, aspectos cognitivos e neuroquímicos. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*, 2(3), 1-11. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2075-94792010000300001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2075-94792010000300001)
- Silva, S. E. D. & Padilha, M. I. (2011). Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(5), 1063-1069. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500005>
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013) Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=en&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=en&tlng=pt).
- Speed, A., & Gangestad, S. W. (1997). Romantic popularity and mate preferences: A peer-nomination study. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(9), 928-936. <https://doi.org/10.1177/0146167297239002>
- Tiburi, M. (2018). *Feminismo em comum: Para todas, todes e todos* (2<sup>a</sup> ed). Editora Rosa dos Tempos.
- Wade, J. T., & Slemp, J. (2015). How to flirt best: The perceived effectiveness of flirtation techniques. *Interpersona*, 9, 32-43. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v9i1.178>
- Weber, L. N. D. (1998). Sinais não-verbais do flerte. *Psicologia Argumento*, 23, 1-12. <http://lidiaweber.com.br/Artigos/1998/1998Sinaisnaoverbaisdoflerte.pdf>
- Welzer-Lang, D. (2004). Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In M. Schpun (Org.), *Masculinidades*. Bomtempo Editorial.

## Endereço para correspondência

gabrieldebortoli041@gmail.com  
 adriano.psicologia@yahoo.com.br  
 miguel.s95@outlook.com

Enviado em 03/05/2023

1<sup>a</sup> revisão em 16/10/2023

Aceito em 06/12/2023